

C\$ 14.000,00

em 60 prestações sem juros.

Ordem do Dia

Rubem Braga

Contando o desastre de Inhaúma, em que morreram estupidamente 9 pessoas e ficaram feridas muitas outras, o "Diário" de ontem narra o desespero dos que tinham parentes ou amigos viajando no trem. Entre os corpos esfaçalhados e os feridos que gemiam ou gritavam, as mulheres e os meninos tinham crises nervosas, e os homens revoltados depredavam ônibus pertencentes à mesma empresa daquele que causou o desastre. E no meio dessa barafunda de dor e aflição apareceu "Moleque Geraldo" que "se meteu entre a massa popular e, aproveitando-se da confusão, bateu uma carteira contendo 2 mil cruzeiros de um homem que ali se achava".

"Moleque Geraldo" foi preso na hora por um investigador. Talvez ainda esteja preso, o que é uma injustiça. Por que prender "Moleque Geraldo"? Ele não é um homem, é apenas um símbolo. E' o símbolo de todos os que aproveitam estas horas de sangue e aflição da humanidade para bater carteiras. Que outra coisa estão fazendo certos cavalheiros de nossa alta finança? Falam da guerra, dizem que estão ao lado do povo — e estão mesmo batendo carteiras. Não precisam meter a mão no bolso de ninguém. Todo mundo é obrigado a tirar o dinheiro e entregar direitinho: todo mundo que precisa de casa, comida, remédio, roupa, transporte, todo mundo que precisa viver. Liberdade para "Moleque Geraldo"! Soltem esse homem!

São sei si a Prefeitura tem muitos funcionarios eficientes, mas alguns eu conheço: esses homens que ficam nos postos para salvar a vida dos que estão se afogando. Esses homens deviam ganhar mais do que os sonolentos chefes de seção que nada fazem e ainda atrapalham. Tenho assistido a muitos salvamentos: eles sabem trabalhar e trabalham com destemor e zelo. Às vezes até com um pouco de zelo de mais. Outro dia, em Copacabana o mar estava desgraçado, e dois salvadores caíram nagua para buscar um senhor careca. O homem debatia-se lá fóra, com certeza arrastado por uma corrente. A praia ficou cheia de gente. Varando as ondas, os dois salvadores se aproximaram do homem e o agarraram. Cá de longe parecia que estavam lutando; um instante de ansiedade. Finalmente, os dois salvadores conseguiram arrastar o homem. Quando chegaram à areia vimos que era um cavalheiro gordo, que ainda se debatia nos braços musculosos dos salvadores. Bebê-ra água, certamente, e não podia falar. Quando falou, vimos que estava engasgado era de raiva: "Ora essa, que absurdo! Eu estava muito bem, não pedi a ninguém para me salvar. Que sujeitos brutos! Estupidos! Eu não estava morrendo coisa alguma! Quasi que me afogam!"

E uma grande vaia, com chuva de areia, abafou as outras palavras do senhor gordo.